

MANUSCRITO: CRÔNICAS
TÍTULO: O GRANDE RITUAL DA BÔLHA
TOTAL DE PÁGINAS: 03
DATA: 01/01/1991

## O GRANDE RITUAL DA BÔLHA

O Culto da Bôlha é realizado apenas 4 vezes ao ano, nas chamadas Festas Draváticas. Procurarei aqui resumi-lo da melhor forma possível, se bem que este tipo de divulgação vai completamente contra os princípios dos Iniciados, que querem monopolizar completamente tão importante cerimônia. Esta atitude minha - de publicar num jornal os pormenores do Culto - provocará imediato rompimento com o Grande Abós, mas sinto que é minha obrigação perpetuar o Cerimonial nestas linhas e na memória do povo, a fim de que possa ser transmitido de geração em geração sob a forma de Lenda, quando a Bomba da Terceira Guerra destruir todos os manuscritos existentes acerca desta grande Transa que se desenrola debaixo de nossos olhos sem que ninguém tome conhecimento.

Mas vamos imediatamente aos fatos. As 4 Festas Draváticas são as seguintes:

Primeiro Bêncio : (março-abril)

Trora (terceira semana de julho)

Segundo Bêncio (durante o signo de Virgem)

Agolências (festa móvel, 20 dias depois da Tramoneuta)

Nas Festas Draváticas são oficiadas cerimônias comuns, exceção feita à Trora, que como o nome está dizendo, é reservada apenas aos oficiantes do culto, que além da cerimônia praticam a Trora durante todo o período consagrado.

A cerimônia, O Grande Ritual da Bôlha, é simples, bonito e comovente. Diante do Tora-con, lugar sagrado, senta-se a Assembleia dos Meneutas. O Abós, todo paramentado (paramento descrito mais adiante), dirige-se lentamente do centro dos meneutas para o Tora-con, onde está a Grande Bôlha. Esta bôlha, segundo manuscritos secretos



altamente confidenciais, existe a mais de meio século sem qualquer arranhão em sua superfície. Possui iluminação interna (artificial) que realça o colorido constantemente mudado em sua superfície pelo movimento da água. É sustentada por 4 ébanes de ouro, pois o 4 é o número sagrado dos Decaneroutos. Contam ainda os manuscritos acima referidos que na confecção da Grande Bôlha só foram usados água e sabão (naquela época não havia detergente, que faz mais espuma com mais facilidade), e pelo seu tamanho e sua resistência, acredita-se que seres super-inteligentes (talvez de outro planêta) tenham orientado sua elaboração.

Mas como eu ia dizendo, no caminho para o Tora-con, o Abós é precedido por dois prístitos, que espalham - com aparelhos especiais - bôlhas de sabão (efêmeras) durante todo o percurso. Ao chegar no Tora-con, o Abós desata a cadeia de íntias que cerca a froenza, e entra pronúnciando as palavras sagradas.

As palavras sagradas - pronunciadas ao som de gongos e cencípanes - são as seguintes:

- Onima minebus.

Todos os meneutas, então, em estado de profunda latência, repetem por 4 vezes as palavras sagradas (primeira e última frase dos Decaneroutos).

- Onima Minebus.

Dito isto, as mulheres colocam a mantropilha na cabeça e está encerrada a simples - mas comovedora - cerimônia de adoração da bôlha.

Paramento do Abós (durante a cerimônia, apenas):

- cabeça coberta por um patalamde lapis-lazúli, muito parecido com a mantropilha que as mulheres usam no final da cerimônia, só que muito mais ricamente adornado.



- Taborna prêta até os pés, atada por um cintflio na altura da terceira costela (de baixo para cima).

- mão esquerda: monilho de ouro.

- mão direita: centíper contendo licor de anirflio.

- pés: descalços.

O ritual é praticado apenas pelos Abós (plural irregular) e pelos maneutas, que chamam a todos os não-adoradores da bôlha de "Abeus" (as aspas tornam o nome mais pejorativo ainda). Transcrevi o Grande Ritual da Bôlha não para difundi-lo - pois sou contra a Adoração da dita - mas apenas para guardar exat sua beleza plástica, pois esta é de fato algo que merece ser perpetuado, mesmo que com êste artigo eu esteja correndo o risco de receber a Grande Maldição de Aristides (fundador do culto).

PAULO COELHO DE SOUZA;

NOVEMBRO 1971